

Nota de Pesquisa

Um estudo sobre as boticas e os remédios dos jesuítas no Império Português (séculos XVII-XVIII)

A study on the Jesuits' apothecary shops and medical recipes in the Portuguese Empire (Seventeenth and Eighteenth centuries)

Ana Carolina de Carvalho Viotti¹

carolina.viotti@unesp.br

Resumo: Para além das atividades evangelizadora e missionária, a Companhia de Jesus teve destaque no estabelecimento de boticas e santas casas em locais onde os médicos e boticários especializados não eram encontrados. Nas reduções do Paraguai, no Brasil, além de partes ainda mais distantes, como Macau e Goa, esses religiosos tomaram para si a tarefa de cuidar, também, dos corpos dos habitantes, desenvolvendo, fabricando, aplicando, distribuindo e comercializando toda sorte de medicamentos. Entre os séculos XVI e XVIII, é encontrada uma série de obras que registrava suas experiências e indicações para a manipulação e aplicação desses remédios, verdadeiras coleções de receitas que conjugavam os saberes dos médicos mais destacados daqueles tempos com as preparações elaboradas em suas boticas, muitas vezes com ingredientes locais. No projeto de investigação em desenvolvimento, brevemente apresentado nesta nota de pesquisa, lança-se luz sobre quatro coleções de receitas produzidas, provavelmente por portugueses, no âmbito da Companhia entre os séculos XVII e XVIII, livros que, em grande medida, encontram-se manuscritos e que dão pistas sobre a ampla rede de informações e conhecimento produzida e transmitida entre os inicianos. A proposta busca interrogar a atuação dos jesuítas na confecção, elaboração e disseminação de mezinhas, considerando a organização das obras, o recurso ao conhecimento não religioso e local e as doenças ali mencionadas e medicadas.

Palavras-chave: jesuítas, boticas, farmácia, medicina, Império português.

Abstract: In addition to the evangelizing and missionary activities, the Society of Jesus was prominent in the establishment of apothecaries and *santas casas* in places where specialized doctors and apothecaries were not found. In the reductions of Paraguay and Brazil, and in even more distant parts, such as Macao and Goa, these religious took on the task of caring for the inhabitants' bodies, developing, manufacturing, applying, distributing and marketing all sorts of medicines. Between the 16th and 18th centuries, there is a series of works which registered their experiences and indications for the manipulation and application of these remedies, true collections of recipes that combined the knowledge of the most outstanding physicians of those times with preparations made in their pharmacies, often with local ingredients. This research, developed as a post-doctoral project, aims to shed light on four collections of recipes produced, probably by Portuguese Jesuits, between the 17th and 18th centuries, books that are still manuscripts and that give clues about the wide network of information and knowledge produced and transmitted among the Ignatians. The proposal seeks to examine the Jesuits' performance in the preparation, elaboration and dissemination of medicines, considering the organization of works, the use of non-religious and local knowledge and the diseases there mentioned and medicated.

Keywords: medicine, Jesuits, collection of recipes, colonial Brazil, Portuguese Empire.

¹ Universidade Estadual Paulista. Avenida Eufrásia Monteiro Petrágliã, n. 900. 14.409-160 Franca, São Paulo, Brasil / Fundação Oswaldo Cruz. Avenida Brasil, 4365. 21.040-900 Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-3244-3514>

Porque não somente os curam nas almas como pastores, pregando-lhes a doutrina duas vezes por dia, confessando-os e administrando-lhes os sacramentos[...], mas os padres governam ainda no temporal e lhes dão ordem de como hão de negociar suas roças e lavouras e remédio de vida e quando estão doentes, os padres são seus médicos e enfermeiros e enfim se hão com eles como pais com filhos e tutores com pupilos... (Guerreiro, 1930, p. 373-375).

Esse breve excerto, extraído do relato do missionário português Fernão Guerreiro (1550? – 1617), parte de um dos cinco volumes de suas *Relações Anuais [...]*, em que trata da ação dos jesuítas nas conquistas portuguesas durante os primeiros anos do século XVII, sinaliza a pluralidade de ação dos inicianos: da evangelização à administração de fazendas, da cura das almas à cura dos corpos, era amplo o leque de atuação dos religiosos. Não era ele, no entanto, o único ou o primeiro a destacar o acúmulo de tarefas pelos religiosos, notadamente suas incursões nas então chamadas artes de curar. Radicado no Brasil, o padre José de Anchieta (Barbosa, 2006) chegou a relatar ao Segundo Superior Geral da Companhia de Jesus, Diogo Laínez (1512-1565), em carta de 1565, referindo-se a São Vicente, a importância que tinham as boticas dos colégios para as comunidades em que estavam instaladas: “É gente miserável”, narra o irmão, “que em semelhantes enfermidades nem sabem nem têm com que se curem, e assim todos recorrem a nós demandando ajuda, e é necessário socorrê-los não só com as medicinas”. Informava o padre que “mesmo os portugueses parece[m] que não sabem viver sem nós, assim em suas enfermidades próprias, como de seus escravos. Em nós têm médicos, boticários e enfermeiros: nossa casa é botica de todos, poucos momentos está quieta a campainha da portaria”. Referia-se ele ao Colégio de S. Vicente, mas, segundo o próprio religioso, o mesmo poderia ser visto “onde quer que se achem os irmãos, os quais ao presente estão bem dispostos pela bondade de Deus, ainda que frequentemente são visitados com várias indisposições” (Anchieta, 1933, p. 240).

Tamanha presença na vida do colono não diminuiu com o tempo; aliás, é o aumento da presença e da influência dos irmãos da Companhia observado e noticiado em relatórios diversos, religiosos ou não. Em 1703, por exemplo, temos notícia da atuação dos jesuítas no tratamento das doenças dos habitantes no Brasil por um francês, de

quem não se têm informações biográficas precisas, que estava de passagem pela cidade do Rio de Janeiro. O incógnito viajante registrou que “a botica mantida por essa casa [a dos jesuítas] é excelente: bem decorada, asseada e provida de todos os tipos de drogas. Julgo não possuímos, em França, nenhuma que se lhe compare. Essa botica dos padres abastece todas as outras da cidade” (Journal, 2008, p. 63-34). Não são poucas as indicações, inclusive, de que as boticas dos maiores Colégios – como o eram os da Bahia, Recife e Rio de Janeiro – enviavam remédios para outras aldeias e fazendas, atendiam aos estudantes e religiosos da própria instituição e, sobretudo, serviam as gentes, cobrando os remédios de uns, doando a outros e socorrendo a todos, gratuitamente, quando as epidemias, guerras e catástrofes que se abatiam sobre a cidade o exigiam (Leite, 2006, p. 189).

Vinte e cinco anos após o viajante francês ter se impressionado com a botica do Colégio do Rio de Janeiro, em 1728, o padre Inácio Correia (?-17??), relatando ao então Geral da Companhia, Michelangelo Tamburini (1648-1730), as mais destacadas notícias das terras de cá, julgou importante mencionar que no Colégio da cidade de Salvador, naquele ano, haviam sido iniciadas as construções para o estabelecimento de uma nova botica “no Terreiro de Jesus”, pois a antiga se tornara pequena para atender à procura (Bras., 10, 307). As novas instalações, “em forma de quadra”, foram estrategicamente erigidas nas proximidades da portaria, pois tamanho era o recurso às fórmulas ali disponíveis que, muitas vezes, o cotidiano do Colégio era perturbado (Bras., 10, 307). A nova botica, de acordo com o padre Inácio de Souza, em comunicação ao Geral Francisco Reis, teve a estrutura concluída em 1731, quando uma “obra de pintura, que se anunciava digna de se ver”, passou a ser feita. No ano seguinte, o espaço foi aberto ao público, que, de acordo com as indicações presentes nas cartas anuais, não era desprezível (Bras., 10, 327; Bras. 10, 341v.).

Essas boticas, bem equipadas e guarneçadas de toda sorte de mezinhas, espalhadas não somente pelo litoral da América Portuguesa,² mas também nos locais mais distantes do Império luso, como Macau e Goa, permitiam aos inicianos exercer a caridade e reunir lucros para a Ordem. Embora não fossem os únicos a manter boticas – existem notícias sobre a existência e atividade de outros estabelecimentos dessa natureza anteriores à publicação do *Regimento dos Boticários e Arte Pharmaceutica*, em 16 de março de 1744 (Regimento, 1919, p. 390-399), por exem-

² Quando da expulsão da Ordem dos domínios portugueses em 1759, havia, no Brasil, 17 Colégios – Bahia, Colônia do Sacramento, Espírito Santo, Florianópolis, Fortaleza, Ilhéus, Maranhão, Olinda, Paranaguá, Paraíba, Pará, Porto Seguro, Recife, Rio de Janeiro, Santos, São Paulo e São Vicente –, o que torna possível supor ser o número de boticas bem próximo desse, especialmente se consideramos que esses estabelecimentos constavam nas diretrizes para os padres aqui estabelecidos. Os fartos registros sobre as boticas fixadas na Bahia, Maranhão, Pará, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo entre os séculos XVII e XVIII reforçam a assertiva de que os padres empreenderam esforços nada desprezíveis para a manutenção desses espaços.

plo –, eram as dos jesuítas as mais proeminentes. Nesses espaços, além de aplicarem remédios criados pelos mais célebres doutores de seu tempo, como indica a presença de diversos livros de medicina em suas prateleiras (Bras. 28, 27), os jesuítas também elaboravam mezinhas próprias. Funcionavam, portanto, como repositórios de remédios e como verdadeiros laboratórios. A partir de fórmulas e ingredientes conhecidos, conjugados ao conhecimento e às possibilidades oferecidas pelas novas terras, os religiosos passaram a manipular as suas próprias e a registrar seus sucessos em compêndios de receitas. Tais obras reuniam não somente os preparos da botica de origem, mas congregavam informações sobre os sucessos de preparações alhures, o que indica a forte relação e conexão entre os colégios e boticas das terras americanas e asiáticas e dá pistas sobre a rede de circulação de ideias e práticas (O'Malley, 2000) estabelecidas entre esses religiosos. É, pois, sobre as quatro obras conhecidas desse gênero, escritas total ou parcialmente em língua portuguesa – mas sempre no âmbito do Império português –, gênero aqui referido como “coleção de receitas”, que o estudo em desenvolvimento se debruça.

Considerando, portanto, esse horizonte – e o destacado papel que a cura dos corpos alcançou no projeto missionário e no desenvolvimento de saberes especializados –, a proposta da pesquisa de pós-doutoramento em execução é pensar as coleções em sua rede de produção e circulação, redes essas anunciadas, muitas vezes, pelos próprios religiosos. As coleções são compostas tanto por receitas dos colégios de aquém e além-mar quanto por ingredientes que se espalharam com o movimento dos lusos pelos mares, o que faz sua análise contemplar a dinâmica das influências, aquisições e trocas de produtos e saberes entre os ibéricos, com destaque para a atuação dos religiosos portugueses. O que se procura, então, não é somente indicar a sistematização do conhecimento médico entre os inicianos, mas identificar a intensa rede de trocas de medicamentos e de concepções médicas entre os membros da Ordem. Complementarmente, vale destacar que a investigação tem como mote considerar e valorizar, sem negligenciar a dita “apropriação” das práticas indígenas, o esforço de coleta e sistematização do conhecimento da medicina e da farmácia efetuado pelos jesuítas, sublinhando que tal iniciativa se amparava nos referenciais tidos como científicos do período. A partir das

coleções de receitas, será possível inventariar as fórmulas, ingredientes, aplicações e indicações, demonstrando que o sucesso dos preparos, como a famosa “triaga brasílica”,³ não foi fortuito ou constituiu um caso isolado.

1. Documentos

O *corpus documental* delimitado para a pesquisa é constituído pelo conjunto das quatro coleções de receitas escritas por jesuítas radicados no Império Português, na primeira metade do século XVIII, total ou quase que integralmente na língua de Camões, das quais duas permanecem manuscritas e duas foram recentemente editadas e serão publicadas entre 2018 e 2019. Muito embora a prática de tomar nota e, possivelmente, desenvolver medicamentos não tenha sido incomum entre os inicianos,⁴ esses quatro livros são aqueles que restaram e são conhecidos do gênero entre os luso-americanos e luso-asiáticos, em exemplares igualmente singulares. Observemo-los, rapidamente, mais de perto.

O primeiro livro desta série, ou que seria o mais antigo deles, data de meados do século XVII, identificado, em seu local de guarda – a *Bibliothèque nationale de France* (BnF) –, sob o registro *Portugais 59*. O manuscrito pode ser considerado uma espécie de “coletânea”, composto pelo *Breve compendio de varias receitas de medicina*, pela *Vertude da erva que he o tabaco*, o *Regimento das virtudes da Rais de Madre de Meos de Malaca*, o *Regimento para o que servem os [sic] do P. Francisco Homem da Companhia de Jesus*, o *Regimento da pedra do bezar do mesmo doutor Dimas*, um *Remedio eficaz para sarar a doença que os Xinas chamam xãm hân*, *Regimento de coquinho de Maldiva*, entre outros textos de cunho médico-farmacêutico. O inédito manuscrito reúne os conhecimentos farmacológicos recolhidos provavelmente por volta de 1650 no Oriente (Macau e Goa) e, pelas características do livro, cujas indicações são grafadas por diferentes mãos, não possui um único autor ou responsável; além de não haver padronização na forma de apresentação das partes do livro e dessas grafias múltiplas, a paginação do livro não segue a mesma sequência do começo ao fim. Consta na compilação uma página de escritos em mandarim, uma série de indicações em francês, uma ou outra em latim e, em sua maioria, receitas

³ Em uma síntese do famoso dicionarista (jesuíta) Raphael Bluteau (1721, p. 268), era “composta de várias plantas, raízes, ervas e frutos que nascem no Brasil, de onde veio o nome *Brasílica*. [...] pode servir no lugar de Triaga Magna. Porque é efficacíssima contra todo o veneno (exceto os corrosivos) [...] ajuda a deitar fora por vômito. Faz-se esta triaga no Colégio dos Padres da Companhia de JESUS da Bahia. Serve contra qualquer bebida venenosa, e tem muitas outras virtudes [...]”.

⁴ Da América Meridional, temos notícias de pelo menos um manuscrito, anterior àqueles selecionados para o estudo proposto, mas da mesma natureza: *CURIOSIDAD: un libro de medicina escrito por los Jesuitas en las misiones del Paraguay en el año 1580*. (Para mais informações, ver Gesteira, 2004). Naquelas paragens, os religiosos da Companhia desenvolveram outros estudos sobre o tratamento dos corpos, entre os quais vale destacar outros documentos manuscritos sobre o tratamento dos corpos, como a *Materia Medica Misionera*, de Pedro Montenegro (1710) e o *Paraguay Natural Ilustrado*, escrito por José Sánchez Labrador entre 1771-1772. (Fleck, 2015b; 2018). Trata-se, portanto, de outros estudos desenvolvidos por jesuítas, mas que, por suas especificidades na área de atuação e observação, além do idioma em que foram pensados e escritos, não compõem a proposta em questão. No entanto, a existência desse tipo de documento em porções castelhanas e os estudos que se debruçam sobre eles reafirmam a importância e o interesse dos padres da Companhia no conhecimento da natureza e dos corpos na modernidade.

e descrições de doenças em português. Entre os diversos “capítulos”, por assim dizer, do livro, estão a definição das doenças mais comúns, as virtudes dos principais medicamentos e, em muitas das vezes, como formulá-los. Há indícios de que o padre jesuíta flamengo Francisco Rogemont atuou diretamente na reunião das receitas, indícios esses que o estudo aqui sumarizado irá perscrutar.

Do autor do *Formulário médico*, de 1703, também pouco sabemos. Encontrado em uma arca da Igreja de São Francisco de Curitiba, o manuscrito anônimo é composto por 225 páginas numeradas e dispostas, ainda que sem qualquer indicação de ter sido encaminhado à prensa, num formato de livro: há nele dois índices – um, com o nome da substância ou planta e a paginação do preparo completo; outro, com o nome da doença e a página da receita –, o que permitiria ao (padre) consulente pesquisar sobre o medicamento ou o achaque, de acordo com as informações e os conhecimentos que tinha. Existem, ainda, 17 páginas de instruções sobre regras gerais de utilização e composição dos remédios, bem como a classificação das ervas por qualidade (frias, quentes, temperadas e apozimas), até aparecerem, de fato, as receitas, fazendo que mesmo os pouco versados nas artes de curar obtivessem informações precisas sobre a manipulação dos remédios, mais uma pista de que o manual poderia ser consultado, no interior da botica ou do Colégio, por um irmão menos experiente.

Ao contrário da obra asiática supracitada, o *Formulário*, depositado na Biblioteca de Manguinhos (FIOCRUZ) – e em processo de publicação pela editora dessa instituição –, parece ter sido o resultado do trabalho de uma única pessoa e, pelo teor de algumas das receitas, leva a crer que foi mesmo escrito no Brasil: lê-se nele a forma como se chama a folha de “mata-pasto” na Bahia – “boçoura” –, ou que a erva picão era conhecida como “tirimidi” em São Paulo, apenas para citar breves exemplos. Ali estão registradas mezinhas, entre conservas, pós, pedras, xaropes, infusões e clisteis, para as mais diversas doenças – da dor de dentes ao gálico, passando pelas câmaras de sangue, tão comuns nos trópicos lusos – e, entre elas, a ilustre “triaga brasileira”. Apesar de as receitas não indicarem, sistematicamente, sua procedência, há referências a médicos de renome naqueles tempos, como João Curvo Semedo, entre os autores de algumas das fórmulas.

Voltando aos domínios asiáticos, encontra-se a *Árvore da vida* dilatada em vistosos e salutíferos ramos [...], provavelmente de 1720, que dava a conhecer, integralmente em língua portuguesa, pela pena do padre atuante em Goa, Afonso da Costa, remédios simples e compostos,

experimentados em seu Colégio ou já conhecidos, organizados em ordem alfabética das doenças e utilizando uma árvore de forma alegórica para melhor dispô-los, com o fim último de acudir especialmente os que se encontravam em locais destituídos de médicos e boticários. Com letras claras e cuidadosamente dispostas em 390 fôlios, o livro, ao que tudo indica, era composto por dois volumes – Costa referenda em pelo menos três partes do texto, “Ao Muito Alto Poderoso e senhor D. João V”, “Advertência necessária” e “Índice geral”, um segundo tomo –, todavia, o que se conhece da coleção resume-se ao suposto volume primeiro, salvaguardado pela *Wellcome Library*. Vale dizer que o autor, de saída, apresenta as ressalvas que poderiam ser feitas ao fato de um religioso ter se dedicado com tanto afincamento à matéria médica – ele mesmo, por exemplo, revela ter levado 32 anos para finalizar a empreitada (Costa, Antiloquio ao leitor) –, mas defende-se em seguida, afirmando que a necessidade causada pela falta de médicos era causa justa para o exercício dessas funções.

Finalmente, temos a *Coleção de várias receitas e segredos particulares de nossa Companhia [...]*,⁵ manuscrito que, como o *Formulário*, fora recentemente editado e deve ser publicado no próximo ano pelas Edições Loyola. Mesmo que de autoria desconhecida, a obra nos permite afirmar com segurança ao menos um dado: o ano de sua finalização, 1766. Diferentemente das outras três obras, possuía todas as licenças necessárias, naquele ano, para ser impressa como livro; ainda assim, por motivos tão incógnitos quanto seu autor, ou “organizador”, não conheceu as prensas. Ali são encontradas, ao longo de mais de 600 páginas, 248 fórmulas – a famosa “triaga” também está entre elas, em duas versões, a “original” e uma “reformada” –, dispostas em ordem alfabética, cada uma delas dividida em quatro partes: lista dos ingredientes com pesos e medidas, tendo a libra medicinal como base, modo de preparo, doses recomendadas e utilidade do medicamento. Parecem ter sido compiladas pela mesma pessoa, com exceção de uma fórmula, nitidamente adicionada depois ao volume, e que apresenta notáveis disparidades com a caligrafia predominante. Ao final da obra, há uma série de “anexos”, com advertências gerais sobre ingredientes, listagem detalhada de pesos, medidas e símbolos (incluindo-se aí símbolos químicos), classificação dos remédios, sinônimos dos compostos, a qualidade usual das substâncias, enfim, uma série de informações úteis para o consulente, além de um índice e uma ilustração do sistema venoso, cuja utilidade seria a explicação clara de onde deveriam ser feitas as incisões das sangrias.

⁵ Em conjunto com Jean Marcel Carvalho França, realizei a primeira edição do manuscrito *Coleção de várias receitas e segredos particulares de nossa Companhia* (1766), trabalho que pavimentou o caminho de interesse pela investigação e estudo dos livros de receitas dos jesuítas no Império Português e que lançou as primeiras questões que se mostraram relevantes para esse conjunto de textos. O livro será publicado pelas Edições Loyola ainda em 2019.

A maior parte das receitas traz indicações de proveniência: são 34 asiáticas, distribuídas entre os Colégios de Macau e Goa; 15 portuguesas, entre Évora e Lisboa; 1 do Colégio Romano e 2 denominadas “receitas romanas”, além de 48 brasileiras, com a maioria, 38 receitas, oriundas do Colégio da Bahia. Também são apontados, em 76 receitas, os nomes dos responsáveis por seu desenvolvimento: 31 delas vinham de autores consagrados, então muito conhecidos pelos boticários, entre os quais o indicado João Curvo Semedo, Jacob de Castro Sarmiento e o cirurgião João Cardoso de Miranda, para citarmos alguns, e outras 45 de irmãos boticários: 29 do irmão boticário Manoel de Carvalho, 13 do boticário lisboeta instalado no colégio de Olinda, Francisco da Silva, 2 do cirurgião Manoel Diniz, habitante das terras do Maranhão, e 1 do químico e boticário francês, natural de Lion, André da Costa, irmão do colégio da Bahia. Sublinhar a autoria das receitas e não do compilador não é fortuito e dá pistas sobre os contornos que as incursões dos jesuítas na medicina e na farmácia adquiriram, sobretudo no Setecentos. Ao passo que indica a noção que tinham das fórmulas tidas como eficazes e a valorização de determinadas autoridades para a cura dos corpos, ou seja, sugere que conheciam, utilizavam e estavam afinados à literatura especializada, contradiz a assertiva de que os religiosos seriam totalmente refratários ao conhecimento científico.

Com esses verdadeiros livros de receitas em mãos – e a eventual consulta a outros documentos que dão conta do cotidiano das boticas administradas pelos irmãos, como as cartas, relatórios e outros rastros de comunicação entre boticas e Colégios jesuítas –, a proposta é compreender um pouco mais a dinâmica desses estabelecimentos, a criação, desenvolvimento e/ou reprodução das receitas, com especial atenção para os ingredientes das formulações, e as relações estabelecidas com as boticas congêneres “dos quatro cantos do mundo”.

2. Algumas interrogações

Referimo-nos, nesta breve nota, à investigação que tem por objeto o conjunto conhecido das quatro coleções de receitas produzidas por jesuítas no Império Português entre meados do século XVII e meados do século XVIII, e objetiva, em linhas gerais: 1) localizar e contextualizar a produção de obras de medicina e farmácia pelos religiosos, nomeadamente os inicianos radicados no Império ultramarino português; 2) apresentar brevemente as quatro obras

selecionadas, das quais duas ainda se encontram manuscritas; 3) transcrever, editar e comentar receitas e excertos escolhidos das obras; 4) inventariar os ingredientes e receitas registrados nas obras, com especial atenção à proveniência dos vegetais, aos locais onde eram utilizados e às virtudes descritas; 5) destacar as citações a doutores e cirurgiões então célebres nas obras; 6) compreender que tipo de medicina e de farmácia os jesuítas se propunham a praticar, a partir da observação desses manuais por eles organizados.

Acerca da própria definição do conjunto de documentos sobre o qual tais questões são lançadas, cabem algumas considerações, já que se optou, aqui, após refletir sobre a pertinência de enquadrar ou não esses textos em um gênero preestabelecido, por não referir tais obras como “farmacopeias”. Embora alguns nomes da historiografia da farmácia empreendam uma distinção em três grupos de livros sob essa nomenclatura – *grosso modo*, Farmacopeias-Dispensatórios, Farmacopeias-Antidotários e Farmacopeias propriamente ditas (Carvalho Guerra; Correia Alves, 1986; Folch y Andreu, 1942) –, consideraram-se farmacopeias, no geral, obras mais aproximadas ao último conjunto, ou seja, os livros que estabelecem preceitos e fórmulas farmacêuticas de um ângulo oficial (Conceição *et al.*, 2014). Nesse sentido, ainda que, como acreditamos, essas obras fossem de uso corrente entre as boticas jesuítas, a definição de “obras oficiais de farmácia” não caberia a elas. Consoante a isso, no próprio estabelecimento de títulos às obras, seus autores não se valeram do termo “farmacopeia”,⁶ preferindo, antes, “coleção de receitas”, “compêndio”, “relação”, “regimento” ou “formulário”, mais um indício de que haveria, àquele tempo, outras formas de classificação que lhes pareciam mais adequadas. Ao encontro, portanto, do vocabulário por eles utilizado, pareceu-nos apropriado reunir esses textos sob o nome de “coleção”, no sentido de “ajuntamento” ou “reunião”, como quiseram, também, os famosos dicionaristas Rafael Bluteau (p. 373) e Antonio Moraes Silva (p. 413) e “emprestado” do livro de 1766.

A partir, pois, dessa tarefa de ajuntar ou compilar as receitas utilizadas ou criadas no seio de suas boticas, os jesuítas, vale destacar, não somente salvaguardavam suas experiências, como também as divulgavam no aquém e no além-mar. Por isso, interrogar a formação e o desenvolvimento dos mecanismos de comunicação, intercâmbio e trocas a partir das diferentes visadas dos estudos voltados à “História do Império Português”, à “História Atlântica” e às “Histórias conectadas” auxiliará na compreensão dessas verdadeiras redes estabelecidas entre os religiosos, redes

⁶ Nos domínios portugueses, não seria exagero definir o Setecentos como o “século das farmacopeias”. Escrita por D. Caetano de Santo António em vernáculo, a *Pharmacopea Lusitana* (1704) inaugura uma série de publicações desse gênero, que coleciona uma dezena de títulos até pelo menos 1785, afinadas, é verdade, com o que se podia apresentar em outras porções europeias de maior desenvolvimento científico. Mesmo sem obter a chancela de “texto oficial”, essas obras guardavam – e anunciavam – tal pretensão, estampando o nome “Farmacopeia” em seus títulos. Será em 1794 que terá lugar a publicação da primeira farmacopeia oficial portuguesa (Pita, 1999).

essas que indicam os padrões e os distanciamentos entre as práticas e os saberes apropriados, forjados e difundidos pelos inicianos no século XVIII. Embora haja ampla bibliografia que demonstre as críticas entre essas diferentes linhas historiográficas, detemo-nos aqui em destacar o ponto não dissonante em suas abordagens – a circulação e intercâmbio de ideias, nomeadamente nas possessões portuguesas no Atlântico e Índico (Russell-Wood, 2009) – e os limites das proposições de estudos como os de Sanjay Subrahmanyam (1997) e Kapil Raj (2007), que questionam a exclusividade ocidental no desenvolvimento da ciência moderna e uma concepção outrora cristalizada de que as “periferias” do mundo receberam e apenas se utilizaram de uma criação europeia. A própria ideia de periferia merece, nessa linha e sob esses olhares, entrar nas interrogações do estudo em andamento, que, em poucas palavras, visa contribuir para a compreensão da ação dos religiosos no campo da saúde e na constituição de um saber ao mesmo tempo religioso e científico, salientando o conhecimento empírico e letrado que congregavam.

3. Caminhos da historiografia

As discussões historiográficas que dão aporte ao projeto em desenvolvimento perpassam dois eixos principais: a história da atuação dos jesuítas e a história da farmácia. Aqui, será apresentada, de maneira bastante concisa, uma seleção de obras referentes ao primeiro dos temas, algumas publicações recentes, outras já clássicas, de forma a situar as potencialidades de relação com a proposta.⁷ É, pois, uma apresentação inicial que, indubitavelmente, está repleta de lacunas, já que não foram poucos os que se dedicaram ao estudo da presença e das atividades levadas a cabo pelos inicianos no Brasil ou em outras paragens: a longevidade de sua ação, a proeminência que obtiveram nos locais dominados pela presença lusitana mesmo sendo uma Ordem jovem (Constituições..., 2004) e a polivalência de sua atuação – na religião e missão (Neves, 1978), é claro, mas também no ensino (Leonel Franca, 1952), na administração e economia (Assunção, 2004; Alden, 1996), e nas artes de curar (Rodrigues, 1934), alvo desse projeto – fomentaram inúmeros trabalhos acadêmicos.

De saída, vale destacar a monumental *História da Companhia de Jesus no Brasil*, de Serafim Leite. Dividida em dez volumes escritos ao longo de 18 anos (entre 1933 e 1950), a obra trata da história da atuação dos jesuítas na América então Portuguesa, perpassando uma significativa variedade de assuntos relativos aos padres, em

todas as regiões dos Estados do Brasil e do Maranhão e Grão-Pará, entre 1549 e 1759. Embora produzida por um membro da própria Ordem de Inácio de Loyola – o que faz de suas interpretações de fontes jesuítas e antijesuítas, é verdade, sempre favoráveis aos padres –, o levantamento de fôlego e sistematização de dados e informações sobre personagens (Leite, 1953), atividades e o próprio carisma da Ordem são incontornáveis para qualquer estudo que tenha os inicianos como escopo. Do mesmo autor, um outro estudo fornece pistas diretamente relacionadas com esta proposta de pesquisa: *Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil (1544-1760)* (Leite, 1952). Ali, anunciam-se brevemente quais religiosos obravam pelas curas, em quais lugares, com que estratégias e com quais ferramentas, dando as cores dos termos em que a assistência aos corpos era exercida por aqueles que, *a priori*, eram “médicos das almas”.

Tal atuação dos jesuítas no campo da cura tem ganhado espaço entre os estudos sobre a Ordem e/ou sobre o desenvolvimento científico do século XVIII (Fleck, 2014; 2015). À luz de novas questões e novas abordagens, o consenso de que a Igreja Católica teria atuado necessariamente na contramão da ciência tem sido questionado por pesquisadores nos últimos 30 anos (Rabin, 2014). A despeito de terem rejeitado ideias como as de Copérnico (Hellyer, 2005), os religiosos, nomeadamente esses jesuítas, contribuíam de forma significativa para o avanço das ciências – como a matemática (Barthet, 2012) e a medicina – entre os séculos XVII e XVIII. Grande parte desses estudos, no entanto, debruçam-se sobretudo na atuação dos irmãos castelhanos ou daqueles que tinham na América Platina a sede de sua atuação (Fleck, 2004). No que se refere aos domínios portugueses, há trabalhos de fôlego sobre a prática médico-terapêutica dos inicianos radicados na Ásia (Amaro, 1997; Jarnagin, 2011), na América (Maia, 2012; Leite, 2013) e nas inter-relações entre essas duas grandes porções, sendo esse último grupo, aliás, sobremaneira alvejado no estudo em desenvolvimento. Entre os que enveredaram por essa seara – e cientes da impossibilidade de tratar de todos os estudos que revisam proposições de Serafim Leite, por exemplo, ou que apresentam novos pontos de observação para compreender a importante relação entre os jesuítas e a medicina –, vale destacar ao menos dois caminhos alvitados pela historiografia, através dos estudos de Heloísa Meirelles Gesteira e Timothy Walker.

Ainda em 2009, Heloísa Gesteira e Alessandra dos Santos Teixeira questionaram uma assertiva corrente nos

⁷ Estudos como os de Fleck (2014), que apresentam e realizam uma análise crítica de autores selecionados da historiografia dos séculos XIX e XX sobre a atuação de boticários e de médicos inicianos da região do Rio de Prata, no século XVIII, dando as cores de tendências de abordagem, encontram poucos pares entre a historiografia sobre esses mesmos atores na América Portuguesa, sobretudo quando pensamos sobre o que foi produzido pelas boticas mais que sobre sua organização e distribuição pelo Império luso.

trabalhos dedicados ao entendimento das práticas médicas dos alinhados a Inácio de Loyola em *As fazendas jesuítas em Campos dos Goitacazes: práticas médicas e circulação de ideias no império português (séculos XVI ao XVIII)*: a de que os missionários dessa Ordem teriam se envolvido no tratamento dos corpos exclusivamente pela necessidade – a falta de médicos – e praticado suas curas ou através da apropriação do conhecimento indígena sobre a flora e a fauna, ou da mera reprodução dos saberes já consolidados na Europa. Através dos livros salvaguardados na botica e na livraria de duas fazendas administradas pelos padres pertencentes ao Colégio do Rio de Janeiro, especificamente na região de Campos de Goitacazes, destacam os procedimentos médicos adotados pelos religiosos e os localizam entre as práticas médicas amplamente dominadas e a própria missão, dando as cores do que seriam a produção, a organização e a circulação desses conhecimentos e práticas no Império luso. No artigo, o “isolamento” das fazendas e o pressuposto de que ali seria pouco possível ter contato com ideias vindas do Velho Mundo são postos em xeque, haja vista a abundância de referenciais da medicina portuguesa encontrados nos documentos e os indícios de um controle sobre os métodos e ingredientes aprendidos e ressignificados dos nativos. Por esse prisma, as autoras dão os contornos de um tipo de medicina que circulava e que recebia, por certo, a influência dos naturais da terra pelo uso de plantas nativas, mas que dialogava com outros cânones dos doutores, aspecto que vai ao encontro de nossas conclusões iniciais e do qual são devedoras algumas questões postas às coleções de receitas aqui abordadas.

Do segundo nome que julgamos incontornável para os estudos que conjugam a atuação dos jesuítas nas artes de curar, a circulação de conhecimento na rede estabelecida pelos religiosos e os elementos por eles manejados na empreitada do restabelecimento da saúde dos corpos, Timothy Walker, há uma série de reflexões caras a este estudo. Pelo menos desde o estudo de 2009, Walker se debruça sobre esses temas, que incluem, ainda, a incorporação de medicamentos indígenas coloniais pela ciência europeia durante o Iluminismo e os laços comerciais e culturais entre as colônias ultramarinas portuguesas na Ásia, África e Américas – antes, preocupado com outras formas de se pensar a medicina na modernidade, tratou da relação entre as artes de cura e a Inquisição (2005) –, tendo publicado uma série de artigos: *Acquisition and Circulation of Medical Knowledge within the Portuguese Colonial Empire during the Early Modern Period* (2009), *Stocking Colonial Pharmacies: Commerce in South Asian Indigenous Medicines from Their Native Sources in the Portuguese Estado da Índia* (2011), *The Medicines Trade in the Portuguese Atlantic World: Dissemination of Plant Remedies and Healing Knowledge from Brazil, c. 1580–1830* (2013),

Medicinal Mercury in Early Modern Portuguese Records: Recipes and Methods from Eighteenth-Century Medical Guidebooks (2015a) e *Global Cross-Cultural Dissemination of Indigenous Medical Practices through the Portuguese Colonial System: Evidence from 16th–18th Century Ethno-Botanical Manuscripts* (2015b), para citar só alguns.

Dados os limites desta breve nota, limitamo-nos, aqui, a dar ênfase aos argumentos presentes em dois artigos que compõem o volume especial da revista *Social History of Medicine*, intitulado *Introduction to Mobilising Medicine: Trade & Healing in the Early Modern Atlantic World* e editado por ele e James Cook em 2013: *Circulation of Medicine in the Early Modern Atlantic World*, em coautoria com o próprio Cook, e o citado *The Medicines Trade in the Portuguese Atlantic World [...]*. O primeiro texto, como o próprio título sugere, preocupa-se com os mecanismos de circulação dos elementos curativos, ou seja, dos remédios e, em alguma medida, das formas de manipulá-los. A ideia norteadora é que a busca pelas drogas movimentou pessoas e mercadorias – o que não seria uma exclusividade ou novidade daquele momento –, e que o movimento a Oeste e costeando a África de naus e comerciantes os levaram, pela primeira vez, a integrar e fazer comunicar não somente ocidente e oriente, mas também norte e sul. Com isso e com a busca contínua por substâncias curativas, não somente o que chamam de “comércio global” teria se beneficiado, mas os europeus teriam feito, sobretudo pela prospecção de espécies e medicamentos, contatos mais contundentes com outros povos da orla atlântica, dos quais aprenderam muito. Ao incursionarem, pois, pelos intercâmbios médicos, advieram também práticas cirúrgicas, informações sobre o mundo natural, o que os coloca como protagonistas num circuito de troca que transportava pessoas e bens, por certo, mas especialmente conhecimentos, no plural, de uma paragem a outra.

Já no segundo texto, Walker sustenta que a colonização e o estabelecimento de pessoas no Brasil entre os séculos XVI e XVIII carregaram uma dimensão muito significativa, mas em geral desvalorizada, que é a investigação médica e o impacto que tal contato teve não só entre os que aqui ficaram, mas em todo o mundo científico atlântico e mesmo além dele. Nesse sentido, seus esforços se voltam para o exame da circulação e da influência de um receituário nativo, nomeando as técnicas médicas, remédios e drogas específicas que têm sua origem no Brasil colonial. Ao focar na interação entre “curandeiros” indígenas e os emissários portugueses, sobretudo jesuítas, defende que os agentes coloniais teriam se tornado disseminadores dessas técnicas para a Europa ou outras localidades coloniais, pois eles teriam repassado os conhecimentos relativos aos remédios para médicos, cirurgiões e farmacêuticos europeus que trabalhavam em instalações

médicas sul-americanas coloniais. O pesquisador salienta que foi somente no final do século XVIII, perto do final da era colonial – e tardiamente em relação a outras potências de colonizadores, como os holandeses, os ingleses e os franceses –, que uma exploração mais sistemática dos remédios indígenas foi levada a cabo pelos administradores lusos, através do fomento e realização de pesquisas sobre plantas medicinais brasileiras por profissionais com treinamento botânico ou médico. Por ser tardio – quase 200 anos após o pioneiro empreendimento jesuíta na medicina e na catalogação empírica da flora e da fauna –, o impacto histórico do esforço científico português foi diminuto (Walker, 2013, p. 26).

Considerando esse destaque dos religiosos no estudo das plantas, também como aporte no estudo das coleções de receitas jesuítas, não é inútil sublinhar, por fim, que a bibliografia relacionada à história da botânica (Kury, 2013) e aos desenvolvimentos médico (Ribeiro, 1997; Abreu, 2011; 2017), assistencial (Russell-Wood, 1981) e científico (Barrera-Osorio, 2006; Gesteira *et al.*, 2014; Kury, 2004) contribuirá sobremaneira para a pesquisa; igualmente, ao considerar a intensa circulação dos padres – fisicamente, em viagens, ou pelo amplo sistema de comunicação por cartas estabelecido entre os Colégios – e os conhecimentos adquiridos e partilhados (Bleichmar e Mancall, 2011; Cañizares-Esguerra, 2006) nesse amplo sistema de assistência, será imprescindível perscrutar os enunciados a respeito das doenças, dos doentes e das formas de cuidado com seus corpos que esses religiosos julgavam eficazes e adequados para seus corpos e almas.

4. Procedimentos de pesquisa

Acerca da leitura dos documentos de que o estudo tem se valido, já apresentados ao leitor, ou melhor, acerca dos procedimentos norteadores da investigação indicada nesta nota, cabem, por fim, algumas breves considerações. Por se tratar de documentação em grande parte manuscrita, tomaremos especial cuidado em localizar seus contextos de produção e pontuar as características peculiares dos textos, as marcações, alterações de grafia, presença de palavras estrangeiras, enfim, destacaremos, ao longo da análise, os elementos constituintes do texto e de seu suporte (Megale e Toledo Neto, 2005). Em complemento, será realizada, para além da leitura e fichamento das obras, a transcrição de trechos e receitas selecionadas, sendo os critérios paleográficos para a realização de pequenas edições explicitados em notas e na introdução ao estudo.

Alinhada a experiências de pesquisa anteriores,⁸ a reflexão pretende analisar, *grosso modo*, possibilidades de serialização e exame de documentos históricos convencionalmente classificados como de viés cultural, reflexão devedora mormente dos estudos de Lucien Febvre (1996, 2009), Michel Foucault (1992, 1996, 2004) e Paul Veyne (1982, 2011). Em linhas gerais, algumas questões de fundo teórico que são lançadas aos documentos podem ser sintetizadas em: sob que condições é possível utilizar registros escritos – como o são os receiptários jesuítas – como instrumentos de decodificação de uma época? Que lugar a *realidade* e a *representação da realidade* dadas a conhecer nesse tipo de documento ocupam? Quais os enunciados e o vocabulário partilhado naqueles escritos?

Essas interrogações e os trabalhos dos autores que em grande medida as inspiram, de saída, indicam a impossibilidade de aplicação de conceitos, haja vista a inexistência de formulações estáveis para apor em teorias que amparam a construção da realidade nos usos que são feitos da linguagem. Consoante à conhecida recomendação de Foucault, o *corpus* discursivo selecionado para o estudo é tomado como “monumento” (Foucault, 2004, p. 6-9), quer dizer, não é analisado como um conjunto de pistas que, se devidamente interpretadas, seriam capazes de desenhar claramente todos os contornos de uma época ou uma estrutura atemporal e invariante, e tampouco como uma rede de signos que seria determinada apenas por interesses de classe, nem, ainda, como um reflexo mais ou menos distorcido do que é referido como realidade. Ao contrário, os documentos são considerados como uma massa de elementos passíveis de serem desmontados, reagrupados, relacionados e, finalmente, organizados em séries. Ao adotar tal postura, o objetivo não é descortinar uma verdade inequívoca subjacente à documentação analisada, mas, sim, o processo histórico engendrado por uma determinada sociedade no sentido de construir uma verdade acerca de si própria ou acerca de uma outra sociedade, através da produção sistemática de um conjunto de escritos.

A história traçada sob orientação de tais procedimentos aponta para a descrição de como determinados grupos construíram a sua realidade, forjaram os seus valores, edificaram os seus mitos, estabeleceram seus hábitos, desenvolveram e definiram a sua moral, inventaram o seu passado e até mesmo demarcaram quais eram as condutas desviantes no seio das sociedades que ajudavam a construir. Ao restituir a voz àqueles que produziram ou consumiram os escritos sobre os quais a pesquisa se debruça, não se afirma que o conhecimento produzido remete a uma

⁸ Refiro-me especialmente a dois estudos de maior fôlego por mim desenvolvidos, resultantes nas obras *As práticas e os saberes médicos no Brasil colonial (1677-1808)*, publicada pela Alameda Casa Editorial em 2017, e *Pau, pano, pão. Escravos no Brasil colonial*, recém-publicada pela Editora Unifesp. Além deles, vale destacar a supracitada edição da *Coleção de receitas* e do *Tratado sobre medicina que fez o doutor Zacuto para seu filho levar consigo quando se foi para o Brasil*, realizada em conjunto com Gabriel F. Gurian e publicada em 2018 pela Editora Cultura Acadêmica.

inegável objetividade, isto é, que se parte do pressuposto de ser possível reconstituir com fidelidade, imparcialidade e completude a visão que os homens de uma determinada época têm sobre si próprios e sobre suas ações. O desafio teórico-metodológico que se coloca, portanto, é o de extrair das tradições mencionadas um arcabouço que permita, ao mesmo tempo, garantir a necessária coerência epistemológica do trabalho e resguardar a peculiaridade do processo histórico sobre o qual se lança luz. A ideia é explorar as potencialidades analíticas das teorias denominadas não representacionistas para a elaboração de uma história dos construtos culturais.

Na série discursiva (Foucault, 1987, p. 7-9) anteriormente apresentada, composta por escritos médico-farmacêuticos redigidos e reunidos por jesuítas do Império Português, ou seja, escritos de cunho prescritivo produzidos por homens da Igreja, pretende-se mapear e compreender o papel da Companhia de Jesus na confecção, elaboração e disseminação de mezinhas, interrogando que tipo de conhecimento era firmado naqueles papéis e qual entendimento das doenças balizava seus ensinamentos em prol da cura. Saber como os religiosos portugueses espalhados pelas porções americana e asiática delinear um tipo específico de conhecimento sobre os corpos e as doenças de terras do ultramar, e como esse entendimento permitiu a dupla difusão de saberes científicos e valores morais entre suas boticas, é o fio condutor da pesquisa proposta. Trata-se aqui, portanto, de uma análise da produção da verdade que passa pelo discurso, mas que não se limita a ele: pretende-se investigar as condições sociais de possibilidade de um discurso. Em outras palavras, compreender o que os irmãos letrados da época quiseram dizer em seu tempo, para quem e com que propósito (Veyne, 2011, p. 22), a partir, vale sublinhar, de documentos pouco explorados, especialmente quando tomados em conjunto. Nesse escopo, a análise do vocabulário por eles partilhado se faz fundamental para entender as escolhas e definições desenvolvidas em seu próprio tempo (Foucault, 1987, p. 89; Veyne, 2011, p. 13-39).

Referências

- ABREU, J.L.N. 2011. *Nos domínios do corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 220 p.
- ABREU, J.L.N. 2017. Prédicas para a alma e o corpo: algumas questões para a compreensão da doença no contexto luso-brasileiro do século XVIII. *RBHCS*, **9**:118-137.
- ALDEN, D. 1996. *The Making of an Enterprise: The Society of Jesus in Portugal, Its Empire, and Beyond, 1540-1750*. Stanford, Stanford University Press, 707 p.
- AMARO, A. M. 1997. Influência da farmacopéia chinesa no receituário das boticas da Companhia de Jesus. *Revista de Cultura*, Macau, 30:53-68.
- ANCHIETA, J. 1933. Carta a Diogo Láinez, São Vicente, 8/1/1565. In: J. de ANCHIETA, *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933, p.169-244.
- ASSUNÇÃO, P. 2004. *Negócios jesuítas: o cotidiano da administração dos bens divinos*. São Paulo, EDUSP, 512 p.
- BARBOSA, M.F.M. 2006. *As letras e a cruz: pedagogia da fé e estética religiosa na experiência missionária de José de Anchieta, S.I.: (1534-1597)*. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, 461 p.
- BARRERA-OSORIO, A. 2006. *Experiencing Nature: The Spanish American Empire and the Early Scientific Revolution*. Austin, University of Texas Press, 223 p.
- BARTHET, B. 2012. *Science, histoire et thématiques ésotériques chez les Jésuites en France (1680-1764)*. Bordeaux, Presses Universitaires de Bordeaux, 560 p.
- BLEICHMAR, D.; MANCALL, P. 2011. *Collecting across Cultures: Material Exchanges in the Early Modern Atlantic World*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 392 p.
- CAÑIZARES-ESGUERRA, J. 2006. *Nature, Empire, and Nation: Explorations of the History of Science in the Iberian World*. Stanford, Stanford University Press, 248 p.
- CARVALHO GUERRA, F; CORREIA ALVES, A. 1986. Breve notícia histórica sobre as Farmacopeias Portuguesas até ao século XIX. *Separata de História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal*. II Volume. Lisboa, Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa.
- CONCEIÇÃO, J. et al. 2014. As farmacopeias portuguesas e a saúde pública. *Acta Farmacêutica Portuguesa*, **3**:47-65.
- CONSTITUIÇÕES da Companhia de Jesus: normas complementares. 2004. São Paulo, Editora Loyola, 472 p.
- EDLER, F.C. 2006. *Boticas & Pharmacias: Uma história ilustrada da farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 160 p.
- FEBVRE, L. 1996. *Olhares sobre a história*. Lisboa, Edições Asa, 128 p.
- FEBVRE, L.L. 2009. *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais*. São Paulo, Companhia das Letras, 520 p.
- FLECK, E.C.D. 2004. *Entre a caridade e a ciência: A prática missionária e científica da Companhia de Jesus (América platina, séculos XVII e XVIII)*. São Leopoldo, Oikos, Unisinos, 540 p.
- FLECK, E.C.D.; POLETTTO, R. 2012. Circulação e produção de saberes e práticas científicas na América meridional no século XVIII: uma análise do manuscrito *Materia medica misionera* de Pedro Montenegro (1710). *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, **19**:1121-1138.
- FLECK, E.C.D. 2014. A abordagem historiográfica dos séculos XIX e XX sobre a atuação de médicos e boticários jesuítas na América platina no século XVIII. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, **21**: 667-685
- FLECK, E.C.D. 2015a. Para além da medicina da alma: a atuação de missionários jesuítas nas artes de curar (América platina, séculos XVII e XVIII). *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*, **7**:01-28.
- FLECK, E.C.D. 2015b. *As artes de curar em um manuscrito jesuítico inédito do Setecentos: um estudo do Paraguai Natural Ilustrado do padre José Sanchez Labrador (1771-1776)*. São Leopoldo, Oikos Editora, 550 p.
- FLECK, E.C.D. 2016. A produção jesuítica sobre as artes de curar: reavaliando protagonismos, experiências e trocas interculturais (América platina, séculos XVII e XVIII). *Anais de História de Além-Mar*, **XVII**:59-100.
- FLECK, E.C.D. 2016. A Companhia de Jesus e artes de curar na América platina setecentista: uma análise de manuscritos jesuítas inéditos. *Revec - Revista de Estudos de Cultura*, **5**:119-136.

- FLECK, E.C.D. 2017. A medicina da conversão: apropriação e circulação de saberes e práticas de cura (Província Jesuítica do Paraguai, século XVIII). *Revista de Estudos Marítimos y Sociales en línea*, **11**:34-80.
- FLECK, E.C.D.; OBERMEIER, F.2018. O Livro de medicina, cirurgia, e botica: um manuscrito anônimo de Matéria médica rio-platense da primeira metade do século XVIII. *Revista Antíteses*, **11**:132-156.
- FOLCH Y ANDREU, R. 1942. Las Farmacopeas Portuguesas. *Revista de la Universidad de Madrid*, **2**(5):3-34.
- FOUCAULT, M. 2004. *A arqueologia do saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 236 p.
- FOUCAULT, M. 1996. *A ordem do discurso: Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo, Edições Loyola, 80 p.
- FOUCAULT, M. 1987. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 6ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 564 p.
- GESTEIRA, H.M. 2004. A cura do corpo e a conversão da alma – conhecimento da natureza e conquista da América, séculos XVI e XVII. *Topoi*, **5**(8):71-95.
- GESTEIRA, H.M; TEIXEIRA, A.S. 2009. As fazendas jesuíticas em Campos dos Goitacazes: práticas médicas e circulação de ideias no império português (séculos XVI ao XVIII). *Clio – Série Revista de Pesquisa Histórica*, **27**(2):117-144.
- GESTEIRA, H.M; CAROLINO, L.M.; MARINHO, P. (org.). 2014. *Formas do Império: Ciência, tecnologia e política em Portugal e no Brasil: Séculos XVI ao XIX*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 574 p.
- GUERREIRO, Pe. F. 1930. *R. relação Anual das Coisas que Fizeram os Padres da Companhia de Jesus [...]*. Tomo I. 1600 a 1603. Coimbra, Imprensa da Universidade, 420 p.
- HELLYER, M. 2005. *Catholic Physics: Jesuit Natural Philosophy in Early Modern Germany*. Notre Dame, University of Notre Dame Press, 336 p.
- JARNAGIN, L. 2011. *Portuguese and Luso-Asian Legacies in Southeast Asia, 1511-2011*. ISEAS – Yusof Ishak Institute, 323 p.
- JOURNAL d'un Voyage. 2008. In: J.M.C. FRANÇA, *Visões do Rio de Janeiro colonial: Antologia de textos (1531-1800)*. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, p. 70-83.
- KURY, L.B. (org.). 2013. *Usos e circulação de plantas no Brasil, séculos XVI-XIX*. Rio de Janeiro, Editora Andrea Jakobsson, 324 p.
- KURY, L.B. 2004. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, **11**(sup.1):109-129.
- LEITE, S. 1953. *Artes e ofícios dos Jesuítas no Brasil, 1549-1760*. Lisboa, Edições Broetéria, 324 p.
- LEITE, S. 2006. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo IV. Livro III. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 435 p.
- LEITE, S. 1952. Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil (1549-1760). *Broetéria*, **IV**(4):386-403.
- LEITE, B.M.B. 2013. Verdes que em vosso tempo se mostrou: Das boticas jesuíticas da Província do Brasil, séculos XVII-XVIII. In: Lorelai KURY (org.), *Usos e circulação de plantas no Brasil, séculos XVI-XIX*. Rio de Janeiro, Andrea Jakobsson Estúdio, p. 52-93.
- LEONEL FRANCA, S.J. 1952. *O método pedagógico dos jesuítas: o Ratio Studiorum*. Rio de Janeiro, Agir, 236 p.
- MAIA, P.A. 2012. *Práticas terapêuticas jesuíticas no Império colonial português: medicamentos e boticas no século XVIII*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado, Un. de São Paulo, 241 p.
- MARQUES, V.R.B. 1999. *Natureza em boiões: Medicinas e boticários no Brasil setecentista*. Campinas, Ed. da Unicamp, 350 p.
- MEGALE, H.; TOLEDO NETO, S.A. 2005. *Por minha letra e sinal: Documentos do ouro do século XVII*. São Paulo, Ateliê Editorial, 416 p.
- NEVES, L.F.B. 1978. *O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 175 p.
- O'MALLEY, J.W (ed.). 2000. *The Jesuits: Cultures, Sciences, and the Arts, 1540-1773*. Toronto, University of Toronto Press, 2000. 792p.
- PITA, J.R. 1999. Um livro com 200 anos: a *Farmacopeia Portuguesa*. (Edição oficial). A publicação da primeira farmacopeia oficial: *Pharmacopeia Geral (1794)*. *Revista de História das Ideias*, **20**:47-100.
- RABIN, S.J. 2014. Early Modern Jesuit Science: A Historiographical Essay. *Journal of Jesuit Studies*, **1**(1):88-104.
- RAJ, K. 2007. *Relocating Modern Science: Circulation and the Construction of Knowledge in South Asia and Europe, 1650-1900*. New York: Palgrave Macmillan. 285 p.
- RIBEIRO, M.M. 1997. *A ciência nos trópicos: A arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo, Hucitec, 150 p.
- RODRIGUES, L. 1934. *Anchieta e a medicina*. Belo Horizonte, Apollo, 362 p.
- RUSSELL-WOOD, A.J.R. 1981. *Fidalgos e filantropos: A Santa Casa de Misericórdia da Bahia: 1550-1755*. Brasília, Ed. da Universidade de Brasília, 383 p.
- RUSSELL-WOOD, A.J.R. 2009. Sulcando os mares: um historiador do império português enfrenta a "Atlantic History". *História (São Paulo)*, **28**(1):17-70.
- SCHOEBINGER, L.; SWAN, C. (ed.). 2004. *Colonial Botany: Science, Commerce, Politics in the Early Modern World*. Philadelphia, University of Pennsylvania, 352 p.
- SUBRAHMANYAN, S.1997. Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia. *Modern Asian Studies*, Special Issue: The Eurasian Context of the Early Modern History of Mainland South East Asia, 1400-1800. **31**(3): 735-762.
- VEYNE, P.1982. *Como se escreve a História*. Brasília, Ed. da Universidade de Brasília, 285 p.
- VEYNE, P. 2011. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 256 p.
- WALKER, T. 2005. *Doctors, Folk Medicine and the Inquisition: The Repression of Magical Healing in Portugal during the Enlightenment*. Leiden, Brill Academic Publishers.
- WALKER, T. 2009. Acquisition and Circulation of Medical Knowledge within the Portuguese Colonial Empire during the Early Modern Period. In: D. BLEICHMAR; C. HUFFINE; P. DE VOS; M. SHEEHAN (ed), *Science, Power and the Order of Nature in the Spanish and Portuguese Empires*. Stanford, Stanford University Press, p. 247-270.
- WALKER, T. 2011. Stocking Colonial Pharmacies: Commerce in South Asian Indigenous Medicines from their Native Sources in the Portuguese Estado da Índia. In: R. MUKHERJEE (ed.), *Networks in the First Global Age (1400-1800)*. New Delhi, Primus Press, 141-170.
- WALKER, T. 2013. The Medicines Trade in the Portuguese Atlantic World: Dissemination of Plant Remedies and Healing Knowledge from Brazil, c. 1580-1830. *Journal Social History of Medicine*, Oxford University Press, p. 1-29.
- WALKER, T. 2015a. Medicinal Mercury in Early Modern Portuguese Records: Recipes and Methods from Eighteenth-Century Medical Guidebooks. *Asiatische Studien/Etudes Asiatiques*, **69** (4):1017-1042.

WALKER, T. 2015b. Global Cross-Cultural Dissemination of Indigenous Medical Practices through the Portuguese Colonial System: Evidence from 16th-18th Century Ethno-Botanical Manuscripts. In: *Proceedings of the Conference "Transfer of Knowledge in the Iberian Colonial World"*. Max Planck Institute for the History of Science, p. 161-192.

Fontes

ARCHIVUM Romanum Societatis Iesu (ARSI).

BRASILIA 10(2), F. 307.

BRAS. 10(2), F. 327.

BRAS. 10(2), F. 341V.

BRAS. 28, F. 27.

BRAS. 28, F. 10-10V.

BLUTEAU, Raphael. 1721. *Vocabulario portuguez & latino*. Volume 8. Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu.

BREVE compendio de varias receitas de medicina. Biblioteque National de France, Paris, Département des Manuscrits. Fonds Portugais n. 59, ff. 2-79v.

COLLEÇÃO de várias receitas e segredos particulares das principaes boticas da nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macao e do Brazil. 1766. Roma. Opp. Nn. 17.

COSTA, A. 1720. *Árvore da Vida dilatada em vistosos e salutíferos ramos ornados de muitas aprasiveis, e saudiveis folhas, em que se deixa ver muitos e singulares remedios assim simplicis, como compostos, que a Arte, e experiencia, a industria, e a curiosidade descubrio, para curarcom facilidade quasi todas as doenças, e queixas, a que o corpo esta sogieto, principalmente em terras desitiduas de Medicos e Boticos. Copiados de diversos Authores assim impressos, como manuscriptos, de varias noticias e experiencias vistas e aprovadas ...* Offerecida pello Padre Affonso da Costa da Companhia de Jesus da Provincia de Goa. Wellcome Library.

FORMULARIO médico: manuscrito atribuído aos jesuítas e encontrado em uma arca da Igreja de São Francisco de Curitiba. 1703. Seção de Obras Raras | Biblioteca de Manguinhos (FIOCRUZ).

REGIMENTO dos Boticários e de Arte Pharmaceutica de 16 de Março de 1744. In: Inácio ACCIOLI. 1919. *Memórias históricas e políticas da província da Bahia do coronel Ignácio Accioli de Cerqueira e Silva*. Vol. II. Bahia, Imprensa Official do Estado, p. 390-399.

SILVA, Antonio Moraes. *Dicionario da lingua portugueza - recopilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado*, por ANTONIO DE MORAES SILVA. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

Submetido em: 26/08/2018

Aceito em: 11/03/2019